



Configurações do Espaço em *A Selva* e *A Criação do Mundo – O Segundo Dia*

(TEXTO DE APRESENTAÇÃO DE DISSERTAÇÃO DE MESTRADO)

Elizabel Vaz
Universidade de Aveiro

A floresta é um estado de alma.

Gaston Bachelard

Os romances *A Selva*, de Ferreira de Castro, e *A Criação do Mundo – O Segundo Dia*, de Miguel Torga, pela matéria autobiográfica que encerram, e pela importância atribuída ao espaço, assumem-se como testemunhos privilegiados daquilo que Gaston Bachelard denomina a “categoria filosófica do devaneio”:

Sem dúvida, o devaneio alimenta-se de espetáculos variados; mas por uma espécie de inclinação inerente, ele contempla a grandeza. E a contemplação da grandeza determina uma atitude tão especial, um estado de alma tão particular que o devaneio coloca o sonhador fora do mundo próximo, diante de um mundo que traz o signo do infinito. (Bachelard, 1989: 189)

Esse estar “fora do mundo próximo” é a atitude assumida pelos protagonistas destes romances nos momentos em que, por intrínseca disposição de espírito, ou por sentimentos suscitados pela observação da paisagem circundante, encaram o mesmo espaço de forma diversa e até antagónica. É inegável que ambos os romances brindam o leitor com descrições magistrais da floresta brasileira, independentemente do carácter nefasto ou benéfico que ela exerce sobre as personagens em diversos momentos da narrativa. O espaço físico

encarado como um paraíso natural, fruto da placidez de espírito com que é observado, dá lugar a um cenário de *locus horrendus* em momentos de maior angústia e agitação interior das personagens. A floresta assume, assim, a dimensão de personagem que interage com aqueles que ousam penetrar a sua imensidão.

Arriscamos afirmar que, em *A Selva*, a descrição da floresta, a partir da observação do real, e apoiada pela experiência pessoal do protagonista, atinge o auge, pois o seu autor verte para a obra momentos de extrema beleza sensorial, em belas combinações sinestésicas que enfatizam a estonteante beleza do espaço e o encantamento que exerce sobre as personagens. A exuberância da paisagem descrita, numa profusão de adjetivos, comparações, metáforas e sinestesias, é, portanto, enriquecida pela vivência do autor que a transmite. De referir que, no romance de Torga, a descrição da floresta é sempre muito mais comedida, facto a que não será alheio, certamente, o carácter sóbrio e moderado do seu protagonista, pouco dado à fruição de uma paisagem estranha que nada tinha em comum com a sua tão amada pátria.

O espaço adquire, já o dissemos, um papel primordial na narrativa, ultrapassando a mera função de localização geográfica da ação, porquanto ele próprio sofre um processo de personificação, tornando-se personagem que estabelece relações com aqueles que alberga, numa dialética que desperta diferentes formas de sentir e encarar a realidade envolvente. A análise comparativa das duas obras mostra que os seus autores, confrontados com um espaço estranho, selvático e indomável, souberam captar a realidade, que transpuseram, através de palavras, para os romances, fornecendo uma descrição rica da floresta brasileira.

As várias configurações do espaço, coincidente em ambos os romances, divergem e confluem em aspetos ora positivos, ora negativos. Com efeito, a paisagem descrita como um cenário mórbido, que alberga as mais aterradoras criaturas, é, noutros momentos, apresentada como um local sublime e avassalador, cuja rara beleza confunde os sentidos, levando as personagens ao estado de “devaneio” já aludido.

O oscilar entre as várias (e muitas vezes opostas) representações do real resulta do estado de espírito das personagens em diversos momentos da narrativa e esse estado é, por sua vez, influenciado pela observação da paisagem circundante, dando lugar a um processo de construção dialética que determina o crescimento e formação das personagens, numa clara simbiose entre elas e o meio. Esta relação dialética implica, pois, uma “transformação” mútua.

Ferreira de Castro e Miguel Torga presenteiam o leitor com imagens da floresta brasileira vivas e ricas (de que não está ausente uma ideia de sensualidade), apresentando um espaço a um tempo hostil, estranho e ameaçador, mas extraordinariamente belo. A

mestria de ambos permite um árduo trabalho de transfiguração das palavras em imagens, que tornam possível a “visualização” da paisagem descrita, como se de uma pintura se tratasse. O poder de sublimação da selva é verbalizado através de magníficas descrições. Vários são os estudiosos que corroboram esta ideia. Citando Jaime Brasil, a propósito da descrição no romance de Ferreira de Castro, “O cenário grandioso é descrito em páginas de assombro” (Brasil, 1961: 47).

A ambivalência que determina a relação das personagens com o espaço, o fascínio e, simultaneamente, “o medo frio”¹ que este exerce sobre elas, é o cerne e o fio condutor da ação em ambos os romances. Percecionado muitas vezes como um muro aprisionador, o espaço é outras tantas encarado como um local de encantamento e plenitude, assumindo, assim, diversos matizes, consoante o olhar das várias personagens ou da mesma personagem em diferentes momentos.

A contemplação da imensidão do espaço possibilita a compreensão do seu poder esmagador, perante o qual o homem não é mais do que uma criatura indefesa. O deslumbramento e o pânico das personagens andam sempre de mãos dadas. O constante estímulo dos sentidos pela vida latente da floresta, onde sobressai a prevalência do coletivo sobre o indivíduo, evidencia uma relação de interdependência e comunhão entre a natureza, o homem e os animais que ela alberga. A descrição da vegetação selvagem e dos animais camuflados na paisagem (numa perfeita combinação com a natureza), provoca nas personagens um misto de sentimentos, prevalecendo sempre, podemos dizê-lo, o deslumbramento perante a magnificência do espaço descrito.

A jornada empreendida pelos protagonistas, o de Ferreira de Castro em direção ao interior do seringal Paraíso; o de Torga rumo à fazenda, num espaço inóspito e desconhecido, assume contornos de peregrinação e pode ser encarada como uma viagem psicológica ao interior destas personagens, na medida em que ambas vão desnudando as suas angústias e medos, ao mesmo tempo que expõem o seu encantamento e deslumbramento. Em ambos os casos, a jornada, que não se resume à viagem inicial, mas que se prolonga pelo tempo que dura a estada das personagens por terras do Brasil, irá culminar com um processo de descoberta interior e crescimento pessoal determinante para a formação da personalidade. Como fica patente no final dos romances, o crescimento interior das personagens resulta de uma transformação pessoal num ser humano mais justo, fruto das atrocidades testemunhadas. Condiçãoados pelo espaço da floresta selvagem, os protagonistas

¹ Expressão inúmeras vezes utilizada por Ferreira de Castro.

encetam uma viagem de autoconhecimento de que resulta uma profunda transformação, como consequência da aprendizagem humana e social a que são sujeitos no contexto das suas relações com o meio e com o outro.

Por outro lado, a caminhada para o interior da selva vai pondo em destaque os sentimentos de melancolia e solidão das personagens, num crescendo de intensidade até à manifestação dos medos, reais e imaginários, que elas enfrentam perante a monstruosidade e exuberância do espaço. A floresta adquire uma dimensão opressora que leva as personagens a desejar a morte. A peregrinação dos protagonistas possibilita, assim, uma “dupla” viagem: uma pela intimidade misteriosa da floresta, outra pelo íntimo não menos misterioso dos seus habitantes.

O contacto com o espaço físico, o “coração da selva”, provoca um impacto fortíssimo nas personagens, moldadas, como consequência, a uma nova realidade, facto que determina as diferentes imagens da floresta transmitidas nos romances. A selva é sucessivamente apresentada segundo a visão subjetiva das personagens que a observam, filtrada, inevitavelmente, pela sua origem, educação, cultura e até sentimentos em diferentes momentos da narrativa.

A sensualidade da floresta brasileira, descrita em imagens de verdadeira beleza, que permite a fruição de aprazíveis momentos de encantamento, é simultaneamente encarada, em ambos os romances, como exercendo uma influência nefasta sobre os seus habitantes, na medida em que exacerba os instintos mais animalescos e agudiza o ímpeto sexual num cenário apelativo e estimulador dos sentidos. Com efeito, se o romance de Torga apresenta o impulso sexual de forma natural, estimulado pela simples observação dos rituais de acasalamento animal, já em *A Selva* o desejo sexual adquire uma dimensão muito mais aguda, que impele a comportamentos sexuais considerados desviantes, secundados, com cumplicidade, pelo cenário envolvente, numa espécie de conspiração conjunta. Neste como noutros momentos, o autor põe em evidência a luta desigual do homem num local inhóspito em que a selva, entidade luxuriosa e titânica, age como um amo despótico, reduzindo o ser humano à sua natural insignificância e fazendo-o ostentar o seu lado mais bestial.

A floresta brasileira assume o papel de protagonista nos romances em estudo, particularmente no caso de *A Selva*. Confrontados com esse espaço, os protagonistas atribuem-lhe conotações diferentes mercê de inúmeras circunstâncias. Ora encarada como um deleite para a vista, ora como uma angústia para o coração, ora como um tormento para o espírito, a floresta brasileira é palco da vivência dos protagonistas de Ferreira de Castro e Miguel Torga, bem como destes escritores, assumindo contornos tão antagónicos que este facto, por si só, corrobora os vários conflitos emocionais que a omnipresença da selva

suscitou neles. A ambivalência emocional resultante do contacto com o mundo enigmático da floresta virgem – a atração e o medo – são a prova irrefutável de que esse espaço, único mas diverso, com o qual estabelecem uma dupla relação de fobia e empatia, desencadeia as mais inusitadas reações.

BIBLIOGRAFIA

BACHELARD, Gaston (1989). *A Poética do Espaço*. São Paulo: Martins Fontes.

CASTRO, Ferreira de (1980). *A Selva*. 32.ª ed. Lisboa: Guimarães.

DURAND, Gilbert (1989). *As Estruturas Antropológicas do Imaginário*. Lisboa: Instituto Piaget.

TORGA, Miguel (1997). *A Criação do Mundo*. 2.ª ed. Coimbra: Gráfica de Coimbra.